

INFORMAÇÕES SOBRE O TEXTO

Tipo:

Artigo

Título

Uma experiência de trabalho junto aos grupos populares: ressonâncias coletivas

Autor:

Carim Ângela Dummer**
Cristine Jaques Ribeiro*
Eduardo Rocha***

Resumo

Ver texto, logo abaixo.

Uma experiência de trabalho juntos aos grupos populares: ressonâncias coletivas

A together work experience to popular groups: collective resonances

Carim Ângela Dummer^{**}
Cristine Jaques Ribeiro^{*}
Eduardo Rocha^{***}

Resumo: A proposta do texto é de apresentar o relato da experiência de trabalho do Curso de Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas no campo de extensão junto a Associação de Moradores das Vilas Reunidas FRAGET no Município de Pelotas. Experiência que garantiu a formação de profissionais no exercício do estágio obrigatório nos anos de 2002 a 2004. O texto é desenvolvido na apresentação de dois grupos acompanhados pela equipe de Serviço Social bem como a discussão interdisciplinar do tema reciclagem que foi resultado da ampliação do trabalho junto à participação do Núcleo Interinstitucional de Economia Solidária/NESIC onde outros técnicos agregaram-se no trabalho comunitário. O objetivo central é de convidar os leitores a construir olhares e intervenções a partir da realidade dos coletivos em seus espaços de luta e de moradia, pois o processo de autogestão e de auto-análise no trabalho realizado foi o norteador das práticas profissionais construídas junto a Associação de Moradores.

Palavras-chave: Grupo, Serviço Social, Resíduos.

Abstract: The proposal of the text is of presenting the report of the experience of work of the Course of Social Service of the Catholic University of Balls close to in the extension field Association of Residents of the Gathered Towns FRAGET in the Municipal district of Balls. Experience that guaranteed the professionals' formation in the exercise of the obligatory apprenticeship in the years from 2002 to 2004. The text is developed in the presentation of two groups accompanied by the team of Social Service as well as the interdisciplinary discussion of the theme recycling that was resulted of the enlargement of the work close to the participation of Economia Solidária/NESIC's Núcleo Interinstitucional where other technicians joined in the community work. The central objective is of inviting the readers to build glances and interventions starting from the reality of the buses in their fight spaces and

^{**} Assistente Social pela Universidade Católica de Pelotas -UCPEL, Mestre em Política Social/ UCPEL, Assistente Social do Núcleo Interinstitucional de Economia Solidária – NESIC/UCPEL, Rua: Marechal Deodoro apto 404. Pelotas/RS. e-mail: carimd@terra.com.br

^{*} Assistente Social pela Universidade Católica de Pelotas /UCPEL, Mestre e Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ PUCRS. Coordenadora do Curso de Serviço Social/UCPEL. Rua Mortágua 1335, Bairro Recanto de Portugal, Pelotas/RS. e-mail: cristinejr2008@hotmail.com

^{***} Arquiteto pela Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Doutorando em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Docente dos Cursos de Arquitetura da UCPEL e da ULBRA/ Santa Maria. Rua Andrade Neves, 797. Pelotas/RS. e-mail: amigodudu@pop.com.br

of home, because the self-management process and of self-analysis in the accomplished work was the norteador of the professional practices built Association of Residents close to.

Words-key: I group, Social Service, Residues.

1. Apresentando o espaço teórico-prático:

O presente texto tem como objetivo apresentar o trabalho realizado junto a Associação de Moradores das Vilas Reunidas FRAGET no Município de Pelotas. A história dessa Associação se dá vinculada intimamente ao trabalho do Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas desde a década de 1960 onde o auge das lutas comunitárias acontecia fervorosamente no seio dos movimentos sociais bem como a profissão manifestava a busca por alianças político-profissionais junto aos trabalhadores urbanos e rurais tendo como base o referencial crítico como orientador da prática transformadora.

Assim, surge a Associação de Moradores cuja sigla é resultado da aliança de seis vilas localizadas no Bairro Fragata de Pelotas: Farroupilha, Real, Aurora, Guabiroba, Elza e Treptow. Desde a escolha do terreno para a viabilização da construção e consolidação da associação dos moradores até os dias de hoje frente à participação da feira de economia solidária, por intermédio do trabalho de extensão do Núcleo Interinstitucional de Economia Solidária da UCPEL, o Serviço Social acompanhou como assessor e apoiador das lutas comunitárias frente aos órgãos governamentais e Universidade. As famílias que ali moravam e ainda moram são oriundas do espaço rural que sofreram na década de 60 e 70 a expulsão de suas terras sublinhando o forte êxodo rural e o aumento dos cinturões de miséria no espaço urbano.

No entanto, o presente trabalho irá se deter no contar da experiência profissional junto a dois grupos especificamente: Grupo Girasol e o Grupo de recicladores. A escolha se deu pela continuidade da assessoria do Serviço Social, mas agora de modo ampliado no exercício interdisciplinar propiciado pelo NESIC.

Outros olhares e novas intervenções estão sendo construídos junto a esses coletivos que resistem as imposições do sistema que continuam se organizando, participando, se mobilizando e produzindo práticas inventivas e criativas nos temas: grupos comunitários e economia solidária, pois evidenciam que só é possível transformação quando há desejo do coletivo de aprender a fazer juntos, tentando romper com as práticas tradicionais de dependência.

Ainda, o texto é resultado da prática de estágio em Serviço Social que assegurou no espaço comunitário a construção coletiva de ações político-formativas que potencializassem o poder e o saber local como dispositivo dos movimentos cotidianos e contínuos das famílias que habitam o espaço da associação de bairro. Para além dos problemas sócio-econômicos existem vidas que resistem à subalternização construída pelo sistema capitalista, pois participam em grupos, em assembleias, em conferências bem como experimentam buscar o lúdico em suas produções artesanais ou festivas como fomentadores que dá continuidade e força para existência dos grupos.

Portanto, a primeira parte do texto pretende apresentar a trajetória de um grupo criativo que reinventou sua realidade e produziu outras necessidades e a segunda parte pretende problematizar o tema reciclagem com intuito de apresentar a proposta de trabalho junto ao grupo de recicladores no exercício interdisciplinar.

2.Serviço Social no movimento de um grupo que transformou suas práticas:

Essa é a história de um grupo de mulheres e de homens que junto á associação de moradores do FRAGET aliaram-se na busca da produção coletiva para superar seus problemas relacionais e econômicos. Como nasceu o grupo? No ano de 2001 o governo gaúcho lançou o programa Família Cidadã:

(...)O Família Cidadã destaca-se não somente pelo valor pago, mas também por toda a rede de assistência social e qualificação profissional que integra o programa, desvinculando-o de um caráter meramente assistencialista.(...) O principal objetivo do Família Cidadã é fazer com que estas pessoas excluídas do processo social e produtivo atinjam um estágio de autonomia de vida, incentivadas pelo apoio especializado que estão recebendo¹

O objetivo do programa era oferecer recurso financeiro às famílias que se encontravam em situação de vulnerabilidade social. A associação de Moradores do FRAGET na época era campo de estágio do Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas, tendo então uma assistente social responsável pelo campo de estágio e cerca de cinco estagiários, grupo do qual eu fazia parte como estagiária. O programa Família Cidadã firmara, então, uma parceria com a associação de moradores, para que essa encaminhasse e cadastrasse as famílias para poderem acessar o benefício.

¹Disponível em <http://cidadesdobrasil.com.br/cgi-bin/news.cgi?cl=099105100097100101098114&arecod=17&newcod=305>

Assim em várias reuniões a comunidade² definiu quem receberia o recurso, tarefa difícil, pois as pessoas em situação de vulnerabilidade social eram muitas, e o programa não atendia a todos, mas era preciso decidir e ir além. Sendo assim formou-se um grupo de cerca de vinte famílias que recebiam mensalmente o recurso e a esse grupo também se somaram algumas que ficaram fora do programa para que formássemos alianças capazes de enfrentar a extrema desigualdade social resultante da questão social³ que banaliza o humano como afirma Yamamoto:

A feitiçização das relações sociais alcança seu ápice na hegemonia do capital que rende juros, obscurecendo e subvertendo a leitura das desigualdades sociais. À medida que a coerção do capital é predominantemente “econômica”, isto é, mediada pelo conjunto das relações sociais no movimento de reprodução do capital do capital, ela tende a obscurecer-se naturalizar-se. A contrapartida é a criminalização da questão social e a ideologia colaboracionista das relações entre as classes, acompanhada do apelo moral ao indivíduo isolado, adensando um clima cultural, dotado de forte teor conservador. A possibilidade histórica do discurso da solidariedade está dada pela própria financeirização em que o capital que rende juros aparece numa suposta relação ensimesmada consigo mesmo, obscurecendo o universo do trabalho, trabalho como alheio e estranho, o que conduz à banalização do humano, característica determinante da questão social no cenário contemporâneo (2008, p.434).

Estávamos num impasse, porque sabíamos enquanto equipe do Serviço Social que o programa acabaria e que aquelas pessoas que acessavam o recurso, após o término do programa rescindiriam na mesma situação de extrema pobreza⁴. Surgiu então no coletivo a proposta de trabalharmos com as famílias selecionadas e as demais que haviam ficado de fora do programa para pensarmos numa proposta que não se resumisse ao programa meramente assistencialista⁵. Nasceu então o desafio: se reunir num grupo para geração de renda. O grupo

² Comunidade é o agrupamento de pessoas que vivem em uma determinada área geográfica ou território (rural ou urbano) cujos membros têm alguma atividade, interesse, objetivo ou função em comum, com ou sem consciência de pertencimento, e de forma plural, com múltiplas concepções ideológicas, culturais, religiosas, étnicas e econômicas (PEREIRA, 2001, p.145).

³ [...] Sustentarei que a questão social fundante, que permanece vigindo sob formas variáveis nesses 500 anos do descobrimento a nossos dias, centra-se nas extremas desigualdades e injustiças que reinam na estrutura social dos países latino-americanos, resultantes dos modos de produção e reprodução social, dos modos de desenvolvimento, que se formaram em cada sociedade nacional e na região em seu complexo (CASTEL, 2000, p.58).

⁴ A FAQ (Food and agricultural organization), a organização para a alimentação e a agricultura das nações unidas, avalia em seu último informe em mais de 30 milhões o número de pessoas que morreram de fome em 1999 e para o mesmo período, em mais de 828 milhões de seres torturados pela desnutrição grave e permanente. São homens e mulheres e crianças que devido à falta de alimentos, padecem lesões, freqüentemente irreversíveis (ZIEGLER, 1999, p.18-19).

⁵ “Assistencialismo é o contraponto do direito, da provisão de assistência como proteção social ou seguridade social. é o acesso a um bem através de uma benesse, de doação, supondo sempre um doador e um receptor” (CRESS, 1999-2000, p.21).

era composto em sua maioria por mulheres que decidiram então produzir artesanato: pinturas, bordados, costuras. Os materiais eram conseguidos em doações que o grupo buscava em lojas que disponibilizavam retalhos, fios de lã etc. Surgiam os primeiros cobertores montados no grupo que nomeou-se Girassol. A decisão do grupo manifestou a potência⁶ do coletivo em reaproveitar materiais que seriam descartados onde poderiam poluir o ambiente e transformá-los em mercadorias para o uso das famílias do grupo e para comercialização.

Com esse grupo conseguimos entender o conceito de solidariedade, pois ao confeccionarem os primeiros cobertores, esses não foram comercializados e sim partilhados entre as famílias do grupo que não tinham cobertor, pois o inverno naquele ano estava rigoroso. Atendida essa necessidade das famílias, começava-se a produzir para gerar renda. Acompanhávamos o grupo semanalmente. No processo da produção do grupo surgiam os trabalhos manuais criados por eles como: cobertores, colchas de retalhos, guardanapos pintados, etc. E nesse contexto surgiam também as lideranças e os conflitos grupais. Os conflitos continham em si potência, porque a partir destes, fazia-se auto-análise do processo, onde os diferentes se aliavam em busca de dispositivos⁷ para superação de conflitos.

A Auto-Análise consiste em que as comunidades mesmas, como protagonistas de seus problemas, necessidades, interesses, desejos e demandas, possam enunciar, compreender, adquirir ou readquirir um pensamento e um vocabulário próprio que lhes permita saber acerca de sua vida, ou seja: não se trata de alguém venha de fora ou de cima para dizer-lhes quem são, o que podem, o que sabem, o que devem pedir e o que podem ou não conseguir... Essa auto-análise essa Auto-Gestão não significam necessariamente que os coletivos devam prescindir por completo dos experts porque, sem dúvida, com sua disciplina e seus instrumentos, eles têm acumulada uma quantidade de conhecimento importante e não inteiramente alienado, não necessariamente distorcido, ou seja: produtivo (2002, p.17).

Os conflitos grupais eram trabalhados no cotidiano onde mediávamos às relações, tendo claro que mediar é antes de tudo “provocar-te, estimular-te, para te ajudar a chegar ao lugar onde possas reconhecer algo que já estava ali (ou em ti). Esse é o papel do mestre, e também o papel do mediador” (WARAT, 2001, p.13). Assim potencializávamos os chamados encontros de formação política, que era uma proposta do grupo do Serviço Social onde eram utilizados vários dispositivos, como: recursos da arte como a representação teatral, onde trabalhavam-se temas sobre: o que é política; o que é liderança, o que é ser grupo, visita a

⁶ No Institucionalismo emprega-se o termo potência para referir-se às capacidades virtuais ou atuais de produzir, inventar, transformar, etc. (BAREMBLITT, 1998, p.185).

⁷ Agenciamento ou dispositivo é uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos e devires, atualiza virtualidades e inventa o novo radical. Em um dispositivo, a meta a alcançar e o processo que a gera são imanentes entre si (BAREMBLITT, 2002, p.135).

outros grupos que produziam artesanato, visita aos movimentos sociais organizados como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Movimento Trabalhadores Desempregados, o que proporcionava a troca de experiências que motiva os grupos a continuarem a produzir renda, mas acima transformando as suas vidas.

Ao estar no movimento dos coletivos da sociedade que se organizam através da produção na resistência contra um modelo hegemônico de produção capitalista, o assistente social consolida seu Projeto Ético-Político, pois reafirma na realidade dos grupos que buscam sua autonomia, sua emancipação.

Ao analisar sua postura ético-política como pesquisadora e cartógrafa, RIBEIRO afirma que:

Assim, a preocupação com o processo da pesquisa é uma preocupação ético-política, já que não se movimenta com a intenção de considerar as invenções criadas por aqueles que vivem no assentamento de modo ingênuo e idealista, mas, antes, dizer que o desenho deste registro se faz numa cartografia. Ou seja, cartografar é não defender a neutralidade da ciência num discurso distante e disciplinador. É não cair na armadilha de uma defesa quantificável, e isso não quer dizer que as pesquisas que utilizam a proposta quantitativa não sejam importantes, porém a proposta, aqui, é chamar a atenção para as manifestações da vida independentes da sua quantidade, porque a sua existência exige escuta, exige olhar, exige envolvimento, exige problematização. O objeto torna-se existência onde a aprendizagem acontece no corpo dos coletivos (2007, p.56-57).

Nesse sentido é nosso compromisso como categoria do Serviço Social, apoiar os movimentos que mostram a construção de um modelo de resistência ao próprio sistema, pois que nascem das lutas populares que dão ao movimento legitimidade. Sendo assim, apoiar e incentivar esses movimentos significa reafirmar o nosso projeto-ético político no cotidiano, na luta contra hegemonia que investe na não mobilização dessas formas de resistência como afirma Iamamoto:

O capital expande sua face financeira integrando grupos industriais associados às instituições financeiras (bancos, companhias de seguros, fundos de pensão, sociedades financeiras de investimento coletivo e fundos mútuos) que passam a comandar o conjunto da acumulação. Na busca incessante e ilimitada do aumento exponencial da riqueza quantitativa - o crescimento do valor pelo valor-, os investimentos financeiros tornam a relação do capital com o trabalho aparentemente invisível. Intensifica-se a investida contra a organização coletiva de todos aqueles que, destituídos de propriedade, dependem de um lugar nesse mercado(cada dia mais restrito e seletivo) para produzir o equivalente de seus meios de vida (IAMAMOTO, 2008, p.21)

A história do grupo Girassol evidencia que as pessoas organizadas em coletivos resistem às imposições do sistema capitalista⁸. Estar em grupo significa encontrar e deixar-se afetar no movimento do encontro com o outro. “Afetar designa o efeito da ação de um corpo sobre o outro, em seu encontro (ROLNIK, 2006, p.57). Esse encontro do grupo Girassol está baseado em princípios solidários como o do cuidado das vidas que habitam aquele ambiente comunitário:

O cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato (...). Por sua própria natureza, cuidado inclui, pois duas significações básicas intimamente ligadas entre si. A primeira, a atitude de desvelo, de solicitude e de atenção para com o outro. A segunda de preocupação e de inquietação, porque a pessoa que tem cuidado se sente envolvida e afetivamente ligada a outro (BOFF, 2002, pp.91-92).

No início do grupo Girassol os envolvimentos grupais traziam as histórias de vida, a partilha dos sofrimentos e a motivação de cada um por estar no grupo, reafirmando que o motivo principal não podia ser definido só como a busca de renda, nem só como a partilha dos problemas, mas que estes processos encontram-se imbricados e que qualquer tentativa de separação seria simplificar um contexto complexo já que “o complexo é a propriedade de certos fenômenos cuja explicação exige de nós esforço de evitarmos as simplificações reducionistas (PASSOS; BENEVITES, 2003, p.81).

Acerca de um mês reencontramos os grupos, passados nove anos, pois passamos integrar a equipe do Núcleo Interinstitucional de Economia Solidária – NESIC/UCPEL do qual hoje fazemos parte como Assistentes Sociais e Arquiteto. Nesse reencontro foi feita a pergunta por que estavam juntos, ao que nos responderam através de uma das líderes: “*somos uma irmandade, é muito bom estar junto, uns ajudam os outros. O ganho é pouco, precisamos aumentar nossa renda*” (D.V)⁹

A percepção de que o processo grupal é complexo é fundamental para não se ter uma análise simplista. Perceber a complexidade exige vivência respeitando o tempo do grupo e a abertura do grupo a intervenção profissional. Vivenciar com os coletivos é conhecer os grupos, as suas histórias de vida, seus desejos e motivações para estarem em grupos, e a partir

⁸ A pretensão do grande capital é clara: destruir qualquer trava extra econômica aos seus movimentos. Para legitimar essa estratégia, o grande capital fomentou e patrocinou a divulgação maciça do conjunto ideológico que se difundiu sob a designação de neoliberalismo. (...) O que se pode denominar de ideologia neoliberal compreende a concepção de um homem (considerado atomisticamente como possessivo, competitivo, calculista), uma concepção de sociedade (tomada como um agregado fortuito, meio de o indivíduo realizar seus propósitos privados) fundada na idéia da natural e necessária desigualdade entre os homens e uma noção rasteira da liberdade. (vista como função da liberdade de mercado) (NETTO; BRAZ, 2007, p.226).

⁹ A fim de resguardar o sigilo dos depoimentos, as siglas correspondem a nomes fictícios, e para diferenciá-los das citações bibliográficas, estão grifados em *italico*

dessa vivência potencializar o desenvolvimento grupal. O profissional que tem um comprometimento ético político sabe que é necessário respeitar o tempo e a motivação grupal, e que este nem sempre obedece o tempo *cronos*, mas sim o “tempo “Aion”, termo original do grego, tempo do acontecimento” (MAIRESSE, 2003, p.262). Não se trata de uma atitude contemplativa frente ao grupo, mas de entender que em certos momentos o grupo não deseja produzir. Nem significa não provocar a auto-análise do que seja essa “não produção”, às vezes é preciso evidenciar esses momentos de atravessamento¹⁰, onde as pessoas não encontram motivação para produção coletiva, mas se elas estão e continuam junto, esse é um fator que merece nossa análise, pois, nesse estar junto apesar de não ter renda, apesar das dificuldades está a resistência. A potência do “não” deve ser encarada como a possibilidade da potência do “sim” para que se possa:

Agenciar outras maneiras de trabalhar coletivamente ou individualmente rompendo com as mais variadas sobrecodificações relacionadas com as normatizações e regras tradicionalmente totalitárias do trabalho no contemporâneo e abrir espaços públicos para discussões destas alternativas e como realizá-las, configuram-se como resistências positivas (GIACOMEL; GHISLENI; AMAZARRAY; ENGELMAN, 2003, p.137).

O grupo Girassol que nasceu de um programa de distribuição de renda, se engajou e decidiu coletivamente ingressar na rede de economia solidária no ano de 2001 através da intervenção do Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas que potencializou a busca do grupo em formar aliança com o Fórum de Economia Solidária de Pelotas, apostando na sua capacidade de gerar renda. Assim através dessa aliança o grupo ingressou na rede de economia solidária, onde até hoje comercializam seus produtos em feiras locais e regionais, demonstrando que uma outra economia é possível e que ela tem nome: economia solidária que:

(...)inclui formas de conceber e organizar a vida econômica que implicam reformas radicais dentro do capitalismo, baseadas em princípios não capitalistas ou que apontam, inclusive, para uma transformação gradual da economia para formas de produção, intercâmbio e consumo não capitalistas. esta precisa ser construída junto aos coletivos.(SOUZA; RODRÍGUEZ, 2002, p.26).

O grupo Girassol que nasceu em 2001, completa hoje nove anos e ainda persiste na produção de artesanato e nele as pessoas relatam que superaram a solidão, a perda de

¹⁰ Atravessamento: a rede social do instituído-organizado-estabelecido, cuja função prevalente é a reprodução do sistema, atua em conjunto (BAREMBLITT, 2002, pp.138-139).

familiares, a depressão e que esse é também um motivo da sua persistência. No início eles não tinham a dimensão de que estariam juntos até hoje. Um artesão do grupo presente na Primeira Feira de Economia Solidária proporcionada pelo NESIC de Pelotas relata que construiu sua saúde junto a esse grupo. Aprendeu a reformar cadeiras de praia e a arte de tecer os fios reaproveitando garrafas peti, foi a forma que encontrou de produzir junto ao grupo: “*eu tava só eu no meio das mulheres, então olha que aprendi, fazer tiras das garrafas peti e tecer o assento das cadeiras de praia estragadas*”(C.A). Hoje ele é o representante eleito pelo grupo que se desafia a representar o grupo nas atividades Nacionais, como no XIV Encontro Nacional da Rede de ITCPs de 2010.

Nesse reencontro com o grupo Girassol reafirmou-se a concepção de que as resistências dos coletivos apontam para a construção de um outro mundo que não o capitalista, onde homens e mulheres estão orientados por uma produção que, embora dentro do sistema capitalista, investem na produção da vida, pois esta ultrapassa os interesses do capital.

3. Serviço Social e Arquitetura construindo práticas junto ao grupo de recicladores

Este texto pretende apresentar o trabalho interdisciplinar construído pelo Serviço Social e Arquitetura na Associação de Moradores FRAGET, especificamente, junto ao grupo de recicladores que lá convivem e trabalham. Grupo que é composto por 11 famílias de trabalhadores que estavam desempregados ou sub-empregados atuando como separadores de resíduos, individualmente, empregadas domésticas, serventes de pedreiros e agricultores sem terra, no Município de Pelotas.

As práticas¹¹ produzidas e reinventadas se deram no reconhecimento da realidade do grupo de economia solidária¹² que cotidianamente lutam para produzir e comercializar o resultado de seus trabalhos com o objetivo da geração de renda e do auto-sustento.

¹¹ Aproveitando as contribuições de Michel Foucault: “É por isso que a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática”. (1996, p.71)

¹² Segundo Paul Singer na Obra: Produzir para Viver, a Economia Solidária foi “inventada por operários, nos primórdios do capitalismo industrial, como resposta à pobreza e ao desemprego resultantes da difusão “desregulada” das máquina-ferramenta e do motor a vapor no início do século XIX”. (Boaventura, 2005, p.83.) Essa informação fortalece a relação do tema economia solidária junto aos trabalhadores recicladores que mesmo expulsos do mercado de trabalho criam alternativas de renda e de trabalho propiciado pela rede de Economia Solidária relacionando-se com a origem do movimento que hoje está evidenciada como política pública brasileira.

Então, abaixo segue às ressonâncias teórico-práticas do trabalho interdisciplinar como registro do acompanhamento junto à realidade de quem trabalha e vive da reciclagem em seu cotidiano. Mais que apresentar características do grupo o item pretende discutir o tema e ampliá-lo para os leitores que possam a vir a interessar-se por essa produção político-profissional.

3.1 A aproximando tema e grupo da prática profissional

Espinosa faz parte dos viventes-videntes. Ele diz precisamente que as demonstrações são “os olhos da alma”. Trata-se do terceiro olho, aquele que permite ver a vida para além das falsas aparências, das paixões e das mortes. Para tal visão são necessárias virtudes, humildade, pobreza, frugalidade, não mais como virtudes que mutilam a vida, mas como potências que a desposem e a penetrem. Espinosa não acreditava na esperança nem mesmo na coragem; acreditava somente na alegria e na visão [...]. Queria apenas inspirar, despertar, mostrar (DELEUZE, 2002:44).

Há caminho, não encontrávamos o caminho, perguntávamos para todos no caminho, sobretudo, sobre o caminho a seguir. Fraturávamos o roteiro, errávamos, errantes. Incorriamos por dobras, desejosos da chegada nas bandas do indeterminado.

Quando chegamos lá, enfim depáramo-nos com todo aquele material reciclado, prensado, grotesco e belo. Vidro, plástico, papel, metal, etc. – tudo junto. Estávamos no interior de uma paisagem móvel, suas linhas cortam o mar na direção de limiares outros, inusitados. Naquele dia o pensamento se abriu como um horizonte. Os fluxos quebravam como ondas nos muros do significante, do ostracismo, do tédio. Alguma coisa a partir daí se deslocou.

Viver do lixo, com o lixo, conviver. Mudar as palavras, talvez resíduos sólidos. O luxo do lixo. Universidade e separadores de resíduos sólidos.

Todo o resíduo e entulho podem escorrer, migrar de um lugar para outro, pingar, deixar-se levar, contaminar o que não é abandonado, assim como o movimento de abandonar, de deixar alguma coisa em detrimento de outra. No edifício a função vai embora e fica a forma abandonada.

Kevin Lynch diz que o resíduo abarca tudo, desde o lixo e os desperdícios cotidianos, as paisagens, a destruição e a decadência da natureza, até os edifícios abandonados.

Degradado é o que não tem valor ou não se usa para uma finalidade humana. É a diminuição do que não tem resultados úteis, é a perda e o abandono, seu declive, separação e morte. É o material gasto e sem valor que se deixa depois de algum ato de produção ou de consumo, porém pode também referir-se a qualquer coisa usada: resíduos, lixo, papéis, móveis velhos, impurezas e sujeira. Há coisas degradadas, paisagens degradadas, tempo degradado e vidas degradadas (LYNCH, 2005:11).

O resíduo então faz parte da degradação da vida, mesmo que se evite, ele vem, mais dia menos dia, é inerente a vida. Os resíduos acabam por gerar resíduos dentro deles, restos nossos de cada dia, lixo ou matéria viva?

Os resíduos ejetados, sejam eles recicláveis ou não, acabam por formar uma série de expulsões, seja pela vontade de esconder o que “não presta” longe dos nossos olhos ou pela simples implosão, a morte.

Abandonar as coisas pode ser um prazer. Acabar, deixá-las para traz, ou acabar com elas, com as coisas as quais somos subjugados, desde o saque realizado por uma população pobre em uma cidade abastada, até quando uma banda de rock quebra a própria guitarra – o som – no palco.

Talvez olhar para os recicladores – e pensar que ganham dinheiro separando nosso lixo – seja uma violência a nós mesmos, ao sujeito centrado que Michel Foucault teima em dissolver, tudo fugindo ao controle, anorético, bulemíco ou neurótico. Depois de usarmos alguma coisa, precisamos descartá-la, libertá-la. Abandonamos muitas coisas, até pessoas, quando classificadas como inúteis.

Matar ou curar. Finito e infinito ao mesmo tempo. O tempo dos abandonos pode ser longo como o de uma ruína ou rápido como o de uma implosão. Difícil de ser medido e quantificado. Tudo pode ocorrer numa fração dos segundos ou lentamente como se não passasse de uma longa espera. Abandonar é largar a deterioração, ao apodrecimento, ao mofo.

Também um resto de parede que teima em ficar de pé, que teima em permanecer, mesmo com a chuva e o vento que lava, dentro e fora, teime em abater-la. Uma ruína, um resto arruinado, não aquela ruína histórica, mas uma ruína fruto da supressão da própria história. Uma superfície arenosa e abandonada, transformadas em deserto em meio à vida cotidiana das cidades.

Uma cidade é repleta de abandonos, por todos os lados, e de abandonados também, eles estão ali perambulando pelas ruas, pelas calçadas, adentrando edifícios abandonados, encontrando-se, cara a cara conosco, às vezes desviamos, pulamos sobre eles, os abandonados cheiram mal, lhes faltam dentes, e todos os objetos de consumo que tanto ansiamos.

Tudo que abandonamos pode ser fruto do próprio consumo, o consumo que deixa restos no caminho, que perde utilidades. Desequilíbrio entre o que se consome e o que se produz, segundo os economistas, mas esta ainda é uma visão muito estreita, que vê o mundo como fluxo contínuo e não o reconhece por suas discontinuidades.

O consumo se materializa ao comer. Introduzimos coisas dentro de nós, as decompomos, nos apropriamos de parte e expulsamos o resto. Comer consiste em

adquirir coisas, a força se necessário, armazená-las e submeter-la a nosso poder. Uma vez consumida, uma coisa é inútil e inerte. Porém se sua má condição sobrevive, pode executar um grande ataque desde dentro. É material corrompido, desprezado, rechaçado. Comer é uma necessidade biológica e um prazer de por vida (LYNCH, 2005:41).

Come-se, digeri-se ou vomita-se. Excreta-se. Associar o excretar, com a comida ou com o sexo pode ser repugnante.

Tudo que é abandonado, excretado é evitado por nós, mediante todo o tipo de tecnologia, desde os sacos de lixo, os canos que levam os esgotos de nossa casa, e todo o entulho que sobra de uma construção ou demolição e é levado para algum aterro, para algum galpão.

Quando nos deparmos com a morte das coisas e com o *i-mundo* (BATAILLE, 2002), caem por terra muitos de nossos ideais metafísicos modernos, tomados por grande parte das teorias da economia solidária, que em essência acabam reproduzindo a estrutura ideológica da civilização idealista.

O horror que sentimos diante dos cadáveres não é distinto do que sentimos diante das montanhas de lixo, de resíduos sólidos, de restos e daquelas pessoas que trabalham ali, essa aproximação tem razão de ser, visto que sentimos uma repugnância semelhante pelo que chamamos de *partes pudendas* de nosso corpo e por formas de sexualidade que consideramos obscenas.

O certo é que estamos diante de um lugar vivo, independente das formas de segregação que insistem em ser mantidas. Os separadores, catadores e coletores não seguem uma lógica pré-estabelecida pelos economistas, arquitetos, sociólogos, assistentes sociais ou pela própria Academia. Um galpão é um corpo vivo, formado por viventes que seguem, por vezes, uma lógica distinta e, até mesmo, anárquica que confere a cada galpão sua peculiaridade. A política tradicional da sociedade desejaria um corpo são em um espaço tornado seguro. Mas os catadores flanam, ficam à deriva, inventam seus percursos – cartografam –, em lugares que lhes são arrumados. Elas não caminham exatamente em linha reta, mas vão aleatoriamente. Estamos num jogo: recicladoresxuniversitários, galpãoacadêmica, mas numa fronteira ainda espinosiana, que não divide, nem separa. Uma fronteira cinza, brumosa, que mistura todos os times e os faz confundir.

Para Gilles Deleuze¹¹, nos jogos convencionais “é preciso (...) que um conjunto de regras preexistia ao exercício do jogo” e “estas regras determinam hipóteses que dividem o

¹¹ Gilles Deleuze faz sobre os jogos e os esportes em *A lógica do sentido* (2000), no texto intitulado “Do jogo ideal”, o autor realiza, a propósito dos jogos inventados por Lewis Carrol em seus livros sobre Alice.

acaso, hipóteses de perda ou de ganho”. Embora retenham o acaso “somente em certos pontos”, essas hipóteses “organizam o exercício do jogo em uma pluralidade de jogadas real e numericamente distintas”, cujas conseqüências “se situam na alternativa ‘vitória ou derrota’”. Assim, os jogos repetem “modelos implícitos que não são jogos” – “modelo moral do Bem e do Melhor, modelo econômico das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins” –, remetendo, portanto “a um outro tipo de atividade, o trabalho ou a moral” (DELEUZE, 2000:61-62).

Em oposição a esse esquema dos jogos convencionais, Gilles Deleuze coloca os jogos propostos por Lewis Carroll e o que ele chama “jogo ideal”: um tipo de jogo em que “não há regras preexistentes” e “cada lance inventa suas regras”; em que “longe de dividir o acaso em um número de jogadas realmente distintas, o conjunto das jogadas afirma todo o acaso e não cessa de ramificá-lo em cada jogada”; em que as jogadas não são “numericamente distintas”, mas “qualitativamente distintas”, operando uma “distribuição nômade de singularidades”.

Os jogos de Lewis Carroll – que “parecem não ter nenhuma regra precisa e não comportar vencedor nem vencido” – seriam a realização artística desse “jogo ideal”. Um jogo que, exatamente porque “parece não ter nenhuma realidade”, porque não pode ser jogado, mas apenas “ser pensado como não-senso”, só se torna possível através da arte e do pensamento (DELEUZE, 2000:61-63).

É, pois o jogo reservado ao pensamento e à arte, lá onde não há mais vitórias para aqueles que souberam jogar, isto é, afirmar e ramificar o acaso, ao invés de dividi-lo para dominá-lo, para apostar, para ganhar. Este jogo que não existe a não ser no pensamento, e que não tem outro resultado além da obra de arte, é também aquilo pelo que o pensamento e a arte são reais e perturbam a realidade, a moralidade e a economia do mundo (DELEUZE, 2000:63).

Numa reflexão mais profunda acerca do espaços dos galpões de reciclagem, coloca-se a questão pensada por Foucault em suas heterotopias. Esses espaços, cidades, sertões, templos e labirintos congregam os desejos, os medos, as angústias e os sonhos de uma geração que se apegam a espaços imaginários para transpor suas heterotopias navegáveis para um espaço múltiplo e permissivo, onde um sertão catártico apresenta as apreensões de um tempo.

O pensamento então liberado da representação doa-se a uma paisagem não-humana, um pensamento sem imagem e sem sujeito: um imenso deserto. Já não se trata de ir às palavras para que o sujeito possa falar do mundo, mas subsiste um campo transcendental, uma consciência sem sujeito.

Deleuze bem sabe que o pensamento não é uma faculdade, mas uma experimentação, um exercício – ele supõe uma violência qualquer para sair do inatismo de que falava Artaud, e saído desse inatismo, demanda um cuidado e uma prudência que se confundem com uma ética e com uma política do pensamento¹².

Os nômades no deserto; o ovo indiferenciado que só tem gradientes, mas nunca hierarquias nem órgãos, nem organizações – sequer é um organismo. Ovo como pura potência, gradientes e limiares como graus de potência. Espaços em que a liberdade foi devolvida sem sujeição, embora sem nenhuma garantia.

A vida do nômade é intermezzo. Em seus caminhos, existem pontos: ponto de água, ponto de habitação ou de reunião, mas os pontos só existem para serem abandonados pela linha. Assim, entre dois pontos há sempre um trajeto, e o entre-dois, a linha já não se submete ao ponto; tomou consistência, goza de autonomia e direção próprias (DELEUZE & GUATTARI, 1997).

O trajeto nômade não se confunde com o sedentário, que distribui os homens em espaços fechados; o nômade distribui homens e animais em espaços abertos não-comunicantes. *Nómos*¹³ designa uma consistência e um conjunto fluido, e nesse sentido contrapõe-se à lei ou à pólis, como interior. Há, aí, uma grande diferença entre os espaços: o sedentário é estriado, cheio de caminhos cerca dos, de horizontes murados, enquanto o nômade é liso, marcados por traços que se apagam e deslocam com o trajeto.

O nômade é territorial e distribui-se num espaço liso. Por isso, é falso defini-lo pelo movimento. O nômade é aquele que, agarrado a esse espaço liso, não parte, não quer partir. O nômade sabe esperar e tem uma paciência infinita.

Sua relação com o território é a de desterritorialização absoluta, que converte a terra em mero solo ou suporte. Nisso, Zaratustra foi mestre, e não é por acaso que Deleuze faz de Nietzsche o protagonista de um pensamento errático. De sua parte, a tarefa do Estado é estriar o espaço, ou utilizar espaços lisos como vias de acesso e comunicação a espaços estriados;

¹² “Há sempre a violência de um signo que nos força a procurar, que nos rouba a paz. A verdade não é descoberta por afinidades, nem como boa vontade, ela se trai por signos involuntários” (DELEUZE, 1987:14).

¹³ *Nómos*: é um conceito de difícil definição. Originalmente foi uma forma poética recitada com o acompanhamento de instrumentos em ocasiões especiais ou para o louvor aos deuses. Também significava, em que pese sua origem indo-européia, uma forma de divisão territorial no Egito, algo como uma província. No sentido adotado por Agamben significava, originalmente, uma regra de conduta ou dizia respeito aos costumes (*mores*), ou ao que, em português, designamos como *habitus*. Genericamente tem o sentido de regra, norma ou lei, ou de um *códex*, jurídico, legal. In: (AGAMBEN, 2002).

seu aparelho de captura funciona assim: não só estriando o espaço liso, mas voltando a criar, na ponta extrema do estriamento, um alisamento.

Uma viagem migratória por um universo heterotópico é também realizada pelo filósofo Michel Serres, um viajante que percorre infintos espaços, um pensador para quem viajar é invenção. Invenção é também denominada tradução, comunicação e metáfora. Serres descobre, na análise estrutural, um meio de viajar por diferentes domínios e até mesmo por diferentes realidades, desenhando novos mapas. Ao escalar uma montanha:

[...] fui subitamente inundado, transbordado, coberto, saciado, possuído por uma soberana alegria, contínua e tão intensa que pensei que meu peito iria explodir, que todo o meu corpo levitava, presente por todo o espaço do mundo que estava todo presente em mim (SERRES, 2004:20-21).

Dentre os errantes e nômades urbanos¹⁴ encontramos vários artistas, escritores ou pensadores que praticaram errâncias urbanas, errâncias voluntárias, intencionais. Aqueles que erraram sem objetivo preciso, mas com a intenção de errar. Errar tanto no sentido do vagabundear quanto da própria efetivação do erro (de caminho, de itinerário, de percurso).

“Caminhar significa liberdade. [...] Porém, até que ponto hoje existe essa liberdade?” (PAESE, 2006, p. 163). Liberdade de uma Universidade que quer intervir capacitando, que quer capacitar intervindo, que coloca seu conhecimento técnico acima, que quer apreender nesses galpões. Podemos apreender muitas coisas, mas geralmente apreendemos mais sobre embalagens, das coisas que estão expostas, do que suas entranhas escondidas. Toda essa tecnologia que a Universidade quer colocar a disposição tem seus aspectos positivos e negativos. Não seria esse próprio lixo um questionamento a própria tecnologia proposta pela Universidade? A essa tecnologia que quer se perpetuar, reciclando-se entre aspas, pois não recicla nada apenas reembala tudo na festa capitalista (FUÃO E ROCHA, 2008:7).

3. Referências

AGANBEM, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática** (5.ª ed.). Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002. 214 pp.

BAREMBLITT, Gregório. **Introdução à esquizoanálise**. Belo Horizonte: Biblioteca do Instituto Félix Guattari, 1998. 123 pp.

¹⁴ A errância urbana não está necessariamente ligada ao andar a pé. Podemos falar de um espírito errante que pode se estabelecer a partir de outras relações entre o corpo do errante e a experiência do espaço urbano.

- BATTAILE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra**. (8.^a ed). Petrópolis,RJ: Vozes, 2002. 199 pp.
- CARTILHA DO ASSISTENTE SOCIAL. Informação sobre legislação, atribuições profissionais, estrutura e competências do CRESS. Porto Alegre: Calábria, 2002. 23 pp.
- CASTEL, Robert; WANDERLEY, Maria Angela Belfiori; WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Desigualdade e questão social**. São Paulo: EDUC, 2000. 265 pp
- DELEUZE, Gilles. *Espinoza, filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. São Paulo: Forense Universitária, 1987.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platos: capitalismo e esquizofrenia*. V.5. São Paulo: Ed.34, 1987.
- FUÃO, Fernando; ROCHA, Eduardo (orgs). *Galpões de Reciclagem e a Universidade*. Pelotas: UFPel, 2008.
- GIACOMEL; Angélica Elisa; GHILENI: Ângela Pena; AMAZARRAY, Raya Mayte; ENGELMAN, Selda. Trabalho e contemporaneidade: o trabalho tornando vida. In: FONSECA, Tania M. G.; KIRST, Patricia G. et al. **Cartografias e devires – a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 395 pp
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 12 ed. Rio de Janeiro, GRAAL< 1996. 295pp.
- IAMAMOTO,Marilda. **Serviço social em tempo de capital e fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. (3.^a Ed) São Paulo: Cortez, 2008. 495 pp.
- LYNCH, Kevin. *Echar a perder: un análisis del deterioro*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.
- MAIRESSE; Denise. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, Tania M. G.; KIRST, Patricia G. et al. **Cartografias e devires – a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 395 pp.
- NETTO; JOSÉ PAULO; BRAZ., MARCELO BRAZ, **Economia política uma introdução crítica**.Cortez .São Paulo,3 ed. 2007, 258.pp
- PAESE, CELMA. *Caminhando: o caminhar na cidade*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2006. [dissertação de mestrado].
- PASSOS, Eduardo; BENEVIDES, Regina. Complexidade transdisciplinarietà e produção de subjetividade. In: FONSECA, Tania M. G.; KIRST, Patricia G. et al. **Cartografias e devires – a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 395 pp .
- PEREIRA, William Cesar Castilho. **Nas trilhas do trabalho comunitário e social: teoria, método e prática**. Belo Horizonte: Vozes: PUC Minas, 2001. 335pp.

- RIBEIRO, Cristine Jaques. **Cartografias caboclas**. Pelotas: Educat, 2008. 167 pp.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 248 pp.
- RODRÍGUES, César; SANTOS, Boaventura de Souza. Para ampliar o cânone da produção. In: RODRÍGUES, César; SANTOS, Boaventura de Souza et al. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro, 2002. 514pp.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Produzir para Viver. – os caminhos da produção não-capitalista*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 514pp.
- SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brail, 2004.
- WALRAT, Luis Alberto. **O ofício do mediador**. Vol. 1. Florianópolis: Habitus, 2001. 279pp.
- ZIEGLER, Jean. **A fome no mundo explicada a meu filho**. Petrópolis: Vozes, 2002. 132 pp.
- Disponível em <http://cidadesdobrasil.com.br/cgi-cn/news.cgi?cl=099105100097100101098114&arecod=17&newcod=305>